

OS CRISTÃOS JUDAIZANTES NO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS*

Monica Selvatici**

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as referências que o autor da obra “Evangelho de Lucas – Atos dos Apóstolos” (o dito Lucas) faz a membros das comunidades cristãs do século I que advogavam em favor do seguimento das prescrições da Torá, em especial, que defendiam a circuncisão. Tais cristãos são denominados “fariseus” por Lucas em Atos 15:5. No entanto, referências indiretas a tais cristãos fariseus ou “judaizantes” (termo pelo qual eles são referidos na historiografia, criado a partir do verbo “judaizar”) são encontradas ao longo de toda a sua obra, denotando a importância desta questão dentro do quadro da teologia lucana.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas; Atos dos Apóstolos; circuncisão; judaizantes

Abstract

The purpose of this paper is to analyze the references made by the author of the third gospel and the book of Acts (so-called Luke) to members of the Christian communities in the 1st century who defended that Christians had to fully observe Torah laws and who especially defended circumcision for Gentile Christians. Luke refers to them as “Pharisees” in Acts 15:5. However, indirect references to these

* Texto apresentado no “VII Seminário de Estudos de Apocalíptica / I Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos – PEJ / I Seminário do Grupo de Estudos em Apocalíptica”, realizado na Universidade de Brasília entre os dias 28/11/2006 e 01/12/2006.

** Doutora em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas. Professora substituta de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Pelotas. Integrante do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã. Endereço eletrônico: mselvatici@ig.com.br.

Christian Pharisees or “judaizers” (term by which they are often referred to in scholarship, created after the verb “to judaize”) are ubiquitous in Luke's work, revealing that this issue was very important for Luke's theology.

Keywords: Gospel of Luke; Acts of the Apostles; circumcision; judaizers

De fato, um dos fortes marcadores da teologia de Lucas é a representação que ele veicula do grupo dos escribas e dos fariseus no evangelho e, mais tarde, em *Atos dos Apóstolos*. Os eruditos que estudam o papel dos fariseus na obra lucana são muito cuidadosos em não tirar conclusões precipitadas porque observam, tal como faz Saldarini, que:

Os evangelhos não fornecem informações facilmente para a compreensão histórica dos fariseus, escribas e saduceus. Eles normalmente projetam sobre a vida de Jesus controvérsias posteriores entre as comunidades cristãs e judaicas e podem simplesmente refletir uma falta de entendimento de um autor tardio das tradições à sua disposição e da sociedade palestina.¹

Uma primeira leitura do terceiro evangelho nos dá a impressão de que Lucas é favorável aos fariseus. Entretanto, a passagem que melhor apresenta a opinião de Lucas sobre eles está em *Atos*. Em At 26:5, de acordo com aquilo que Lucas coloca nos lábios do apóstolo Paulo em seu discurso perante o rei Agripa, os fariseus eram conhecidos por ser a seita mais zelosa e severa (*akribestátēn haíresin*) no universo judaico do século I d.C.

No quadro dos evangelhos, Mateus não apresenta os escribas como uma força maior nos eventos que levaram à morte de Jesus (uma possível explicação para isso seria o fato de que ele conhece escribas cristãos e mantém uma visão positiva do escribalismo) e os elimina de Marcos quando são oponentes de Jesus, substituindo-os por fariseus. Lucas, por sua vez, reduz a caracterização negativa que Mateus e Marcos fazem dos fariseus em várias passagens e, às vezes, fornece uma visão positiva do grupo. Por exemplo:

¹ SALDARINI, A. J. *Pharisees, Scribes and Sadducees in Palestinian society: a sociological approach*. Cambridge: William Eerdmans, 2001, p. 144.

1. O autor transfere a cena em que escribas e fariseus observam que os discípulos de Jesus não haviam lavado as suas mãos antes da refeição para o contexto de um convite (Lc 11:37+), uma estratégia para reduzir o nível de hostilidade embutido no texto;
2. Em Lc 11:16 ocorre “Outros pedem um sinal”, diferentemente de Mt 16:1 e Mc 8:11 onde se encontra “fariseus e saduceus”;
3. Em Lc 20:45-47, Jesus julga os escribas. Já Mt 23:6-7 adiciona os fariseus ao julgamento de Jesus;
4. Os fariseus nunca querem matar Jesus. Eles apenas desejam colocá-lo em situações que o forcem a fazer declarações comprometedoras.

Tal caracterização diversa dos fariseus por parte de Lucas faz alguns autores, como J. A. Ziesler (1978-9), argumentarem que Lucas é favorável aos fariseus. No entanto, essa impressão é resultado de uma leitura muito simplista e imediata das narrativas lucanas e não é verdadeira. Saldarini tem uma percepção maior do propósito de Lucas ao fazer sua distinção peculiar dos fariseus:

A visão de Lucas da posição social dos fariseus é apresentada em várias passagens nas quais os fariseus se mantêm distantes dos excluídos sociais. O contraste dos fariseus em relação aos coletores de impostos e os pecadores é tipológico para Lucas e pode ser simbólico da rejeição de Jesus pelo Judaísmo e da aceitação dele pelos gentios. Os fariseus são apresentados como os guardiões das fronteiras sociais normais em contraposição com Jesus que busca mudar tais fronteiras e reconstituir o povo de Deus.²

A caracterização aparentemente favorável dos fariseus no evangelho de Lucas ganha sentido quando o relato de *Atos* é observado. Em At 15:5, alguns fariseus que eram membros da comunidade cristã intervêm no concílio de Jerusalém: “*Alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus, mas haviam abraçado a fé, intervieram: diziam que era preciso circuncidar os gentios e prescrever-*

² SALDARINI, p. 179.

lhes que observassem a lei de Moisés? G. Stemberger destaca o fato de que este é o único lugar em *Atos* em que os fariseus causam problemas e estes são fariseus que foram convertidos à fé cristã (!).³ A partir de tal constatação, percebe-se que o assunto em jogo na narrativa lucana são os critérios a serem adotados para a entrada na *ekklesia* cristã (que Lucas, em sua escatologia realizada, entende como a concretização do Reino de Deus na terra): seriam a circuncisão e o seguimento da ritualística da Torá os critérios corretos?

Lucas poupa os fariseus de acusações graves, mas faz Jesus, repetidas vezes em seu relato, condená-los por seu estilo de vida incorreto. Desta forma, toda vez que um fariseu convida Jesus para jantar em sua casa, Jesus aceita o convite e aproveita a oportunidade para repreendê-lo.⁴ Por exemplo, isso acontece em Lc 7:36-50 – passagem em que o fariseu de nome Simão recomenda a Jesus que afaste de si a pecadora que lava os seus pés com lágrimas e os enxuga com seus cabelos. Jesus, em resposta, conta-lhe a parábola do credor que perdoa dois devedores (um primeiro que deve a ele uma grande quantia e outro que deve uma quantia menor). De acordo com Jack T. Sanders:

O fariseu neste episódio é um protótipo daqueles fariseus cristãos em Atos 15:5 que desejam que os cristãos gentios sejam circuncidados e que eles sigam toda a lei de Moisés. O fariseu Simão quer apenas pessoas justas ao redor de Jesus, e não aqueles “pecadores” que adentram [o Reino de Deus] com base no arrependimento, na contrição... e na fé; pois Jesus conclui esse episódio de maneira extremamente pertinente ao proclamar à pecadora que a “fé dela a salvou”. Os critérios corretos para a entrada no Reino são o arrependimento e a contrição, e não o seguimento da halakah farisaica.⁵

³ STEMBERGER, G. *Jewish contemporaries of Jesus: Pharisees, Sadducees, Essenes*. Minneapolis: Fortress Press, 1995, p. 33.

⁴ Assim: 11:37-44; 14:1-6. O mesmo acontece na parábola do fariseu e do coletor de impostos (Lc 18:9-14). A moral que Lucas anexa à parábola é ‘Todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado’.

⁵ SANDERS, Jack T. Pharisees in Luke-Acts. In: GROTH, D. & JEWETT, R. (eds.). *The living text: essays in honor of Ernest W. Saunders*. New York: University of America, 1985, p. 176.

Neste sentido, quando Lucas enfatiza que os fariseus *não* foram batizados por João (Lc 7:30), ele quer dizer que eles não aceitaram a verdadeira filiação à igreja cristã que, em sua opinião, constitui o novo povo de Deus composto de judeus e gentios conversos. Esta verdadeira filiação é baseada na fé em Jesus Cristo e no arrependimento – no caso dos gentios, de sua vida idólatra pregressa.

Lucas reserva também, em Lc 11:37-44, a acusação de hipocrisia somente aos fariseus, enquanto Mateus acusa ambos, escribas e fariseus, em Mt 23:15-32. Segundo afirma Judith Lieu, o segundo e o terceiro ‘Ais’ aos fariseus em Lc 11:43-44,

condenam os fariseus por seu amor pelo status e os compara a fontes camufladas de impureza, que levam o povo a trilhar o caminho errado (...) Lucas, aqui, não está simplesmente repetindo a polêmica de Mateus por intensidade dramática, ele tem em mente os perigos potenciais dentro da sua comunidade cristã.⁶

Já em relação aos legistas (é necessário atentar para o fato de que Lucas separa a invectiva contra os escribas daquela contrária aos fariseus e nomeia os escribas “legistas”), que se preocupavam com uma interpretação mais refinada da Torá, o primeiro e o terceiro ‘Ais’ direcionados a eles – em Lc 11:46, 52 – denotam os fardos intoleráveis das prescrições detalhadas da Lei, de acordo com a interpretação farisaica, que tornavam a vida diária impossível e não permitiam que se chegasse à verdadeira interpretação da Lei: aquela de Jesus. Por isso é dito que eles removem a chave do conhecimento e impedem aqueles que desejam entrar no Reino de Deus. Sanders acredita que Lucas queira, desta forma,

fazer uma ligação entre a imposição dos legistas ao povo de “fardos insuportáveis” e a explicação de Pedro no concílio de Jerusalém (At 15:10) de que exigir que os cristãos gentios mantenham a Torá é “impor ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós podemos suportar”.⁷

⁶ LIEU, Judith. *The Gospel of Luke*. London: Epworth Press, 1997, p. 96.

⁷ SANDERS, p. 173.

Em Lc 12:1c-2, Jesus aconselha aos discípulos: “*acautelai-vos do fermento – isto é, da hipocrisia – dos fariseus. Não há nada de encoberto que não venha a ser revelado, nem de oculto que não venha a ser conhecido*”. A hipocrisia dos fariseus, tão destacada pelo Jesus de Lucas, constitui um fermento. O fermento, como se sabe, deve levedar toda a massa. A metáfora de Lucas se explica mais adiante. Em 12:4-6 – o trecho mais interessante do evangelho referente à questão dos fariseus, pois o termo *fariseu* sequer é nele citado – Jesus afirma o seguinte: “*Eu vos digo: não tendes medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei Àquele que depois de matar tem o poder de lançar na geena; sim, eu vos digo, a Este teme?*”. No entanto, o paralelo em Mateus 10:28 afirma o seguinte: “*Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena*”. O contexto de ambas as passagens, como se pode perceber, é completamente diferente. Em Mateus, Jesus diz aos apóstolos que eles serão perseguidos e até mesmo mortos por causa do seu nome. Já em Lucas, Jesus está se referindo aos fariseus ou, melhor, aos cristãos fariseus que desejam que os cristãos gentios se submetam à circuncisão, mais precisamente, “que matem o corpo”. A questão do fermento também se explica no fato de se tratarem de cristãos fariseus aqueles fariseus a que se refere Lucas. Como eles estão no interior da comunidade cristã, a sua reivindicação pela circuncisão dos cristãos gentios pode ter como resultado o convencimento dos outros cristãos, “levedando”, assim, toda a massa da comunidade. Eles são hipócritas porque, fazendo parte da igreja, não seguem os ensinamentos de Jesus e se preocupam com aquilo que Jesus afirmara não ser importante: o seguimento das minúcias da Lei.

A conclusão de sobre a caracterização ambígua dos fariseus na obra evangelho de Lucas – *Atos* é a de que

Lucas retratou os fariseus desta forma estranha de modo a deixá-los representar a posição dos judeus [que desejam a circuncisão dos gentios] dentro do Cristianismo, com a nuance adicionada de que os fariseus amigáveis em *Atos* o ajudam a demonstrar a continuidade entre o Judaísmo antigo e o Cristianismo.⁸

⁸ SANDERS, p. 166.

A insistência de Lucas em abordar tão longamente em sua obra (afinal, os fariseus do evangelho serão identificados somente na parte final da narrativa, ou seja, em *Atos*) a hipocrisia dos cristãos fariseus ao exigirem a circuncisão dos cristãos de origem gentílica levanta a questão de que, muito provavelmente, essa exigência fosse corrente no período em que ele redigiu a sua obra, na década de 80 ou 90. Ele retratou tal reivindicação no momento do concílio de Jerusalém – que ocorrera por volta de 50 – e, ao que parece, aproximadamente trinta ou quarenta anos depois essa questão voltou à cena de maneira a tirar a tranqüilidade e o sono dos cristãos gentios.

Uma compreensão maior deste processo está implícita nas palavras de Sanders acima: “os fariseus amigáveis de *Atos* auxiliam Lucas a demonstrar a continuidade entre o Judaísmo e o Cristianismo”. Por meio delas o autor alude ao contexto de “orfandade”, por assim dizer, em que viviam as comunidades de maioria ou totalidade gentílica criadas por Paulo ao longo do Mediterrâneo após a morte de seu fundador que, para piorar a situação, falhara na tentativa de se reconciliar com a igreja mãe em Jerusalém. Tais comunidades não gozavam, por isso, do mesmo *status* ou autoridade detidos pela comunidade de Antioquia, na Síria, por exemplo, de maioria ainda judaica. O caráter judaico ainda prevalecente nessa comunidade conferia legitimidade à sua própria existência, na medida em que a espera pela vinda do Messias sempre fora uma crença judaica. O Messias esperado era o salvador do povo de Israel porque se tratava da realização das antigas profecias judaicas. Somando-se a isto, Étienne Trocmé recorda o fato de que as comunidades judaico-cristãs, particularmente na diáspora,

passavam por um período de otimismo e crescimento graças à morte de Tiago [o irmão do Senhor] e ao fim do domínio esmagador da igreja de Jerusalém e a confusão que prevaleceu nas sinagogas entre a queda de Jerusalém e a disseminação do movimento de reforma da escola de Jamnia.⁹

⁹ TROCMÉ, Étienne. The Jews as seen by Paul and Luke. In: NEUSNER, Jacob & FRERICHS, E. S. “*To see ourselves as others see us*”: *Christians, Jews, “others” in late antiquity*. Chico: Scholars Press, 1985, p. 148.

Ao redigir a sua obra em dois volumes – evangelho - *Atos dos Apóstolos* – no final do século I d.C., Lucas se confrontou com a questão da orfandade do movimento cristão gentílico, questão tão crucial naquele momento. Ele parece ter sido particularmente afetado por ela, pois uma análise atenta e cuidadosa dos seus livros em seqüência permite vislumbrar mais claramente os objetivos e, neste sentido, a teologia do evangelista: o movimento cristão é herdeiro das bênçãos escatológicas prometidas ao judaísmo. Na realidade, ele é a própria realização do Reino de Deus na terra. Lucas precisa convencer os seus leitores disso porque, como atenta Trocmé, ele

percebeu que o grupo pequeno de igrejas que insistia em reivindicar uma origem paulina seria engolido pela tendência dominante no Cristianismo [aquela das comunidades judaico-cristãs da diáspora] se nada fosse feito para redefinir a sua herança de maneira a provar que ele estava firmemente enraizado no Judaísmo da mesma forma como qualquer um dos seus competidores.¹⁰

Daí a distinção dos fariseus no evangelho como hipócritas e o retrato de Jesus, também no evangelho, como simpático aos samaritanos (9:51-55; 10:30-37; 17:11-19), ganhando maior sentido mais tarde em *Atos* com a inserção das palavras proféticas, a ele atribuídas em 1:8, segundo as quais os apóstolos levariam, guiados pelo Espírito Santo, a Boa Nova à Samaria e até os confins da terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FITZMYER, Joseph. *The Anchor Bible: The Acts of the Apostles. A new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1998.

HENGEL, Martin. *Acts and the history of earliest Christianity*. London: SCM, 1979.

JOHNSON, Luke T. *The Acts of the Apostles*. Collegeville: Liturgical Press, 1992.

LIEU, Judith. *The Gospel of Luke*. London: Epworth Press, 1997.

SALDARINI, A. J. *Pharisees, Scribes and Sadducees in Palestinian society: a sociological approach*. Cambridge: William Eerdmans, 2001.

¹⁰ TROCMÉ, p. 148.

SANDERS, Jack T. Pharisees in Luke-Acts. In: GROTH, D. & JEWETT, R. (eds.). *The living text: essays in honor of Ernest W. Saunders*. New York: University of America, 1985, pp. 141-188.

SQUIRES, John T. *The plan of God in Luke-Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

STEMBERGER, G. *Jewish contemporaries of Jesus: Pharisees, Sadducees, Essenes*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

TROCMÉ, Étienne. The Jews as seen by Paul and Luke. In: NEUSNER, Jacob & FRERICHS, E. S. *“To see ourselves as others see us”: Christians, Jews, “others” in late antiquity*. Chico: Scholars Press, 1985, pp. 145-161.

ZIESLER, J. A. Luke and the Pharisees. In: *New Testament Studies* 25, 1978-9, pp. 146-57.